



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

FRANCISCA GESLINDA PINHEIRO QUEIROZ

**ENTRE LUGARES E MEMÓRIAS:** uma análise documental sobre a desterritorialização  
de Jaguaribara

Icó – CE

2025

FRANCISCA GESLINDA PINHEIRO QUEIROZ

**ENTRE LUGARES E MEMÓRIAS:** uma análise documental sobre a desterritorialização de Jaguaribara

Pesquisa submetida à disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a aprovação e nota.

Orientadora: Ma. Leticia Augusto Oliveira da Silva Paulino

## AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi um percurso repleto de aprendizados, desafios, encontros e reencontros. Este trabalho não é fruto de uma jornada solitária, mas da soma de muitos afetos, incentivos e mãos estendidas que me ajudaram a caminhar.

Agradeço primeiramente a Deus, pela força nos dias difíceis e pela fé que me sustentou quando o cansaço parecia maior que a vontade de seguir.

À minha família, por ser porto seguro em todas as fases da vida. Em especial, à minha mãe, Antônia, que abdicou de tanto para que eu pudesse trilhar meu caminho da forma que julgasse mais coerente. Seu apoio incondicional, sua presença silenciosa nos momentos difíceis e a confiança com que acolheu cada uma das minhas decisões e aplaudiu cada conquista, foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Sem ela, este sonho não seria possível. À minha mãe, todo o meu amor, minha gratidão e esta conquista. Ao meu pai, Getúlio, também agradeço pelo carinho e suporte, por estar ao meu lado e acreditar no meu potencial. Aos meus irmãos, Henry, Gabriel e Gustavo, por serem parte essencial da minha base. Em muitos momentos, foi por eles que encontrei forças para continuar.

Aos meus avós, Geralda, Geraldo, Maria e Virgílio, com amor profundo e eterno. Dedico este trabalho, em especial, à minha avó Geralda que apesar de hoje enfrentar os silêncios e confusões do Alzheimer, ainda carrega viva a dor e a saudade da antiga Jaguaribara. Sua lembrança insistente da cidade submersa me ensinou que há memórias que resistem ao tempo, às águas e ao esquecimento. Essa pesquisa é, de certa forma, um gesto de carinho e homenagem à história que ela me confiou, e a todas as vozes que ecoam nas margens da memória.

Aos amigos e amigas que me ouviram, me animaram, dividiram o peso dos dias e celebraram cada conquista: obrigada por estarem. Em especial, Raielly, Gueniver, Alice, Jennef e Hernestiana, pelas boas gargalhadas, pelos abraços-terapia, pelas longas conversas sem hora marcada, pelo coração-casa. Vocês são essenciais na minha trajetória.

Aos colegas de classe que me acolheram com generosidade e carinho, meu sincero agradecimento. Encontrar abrigo e amizade em meio a tantas mudanças foi essencial para que eu me sentisse pertencente e confiante novamente.

Aos professores e professoras que fizeram parte da minha caminhada, pela partilha de saberes, pelas provocações teóricas e pela escuta atenta. Em especial, à minha orientadora Letícia, por sua paciência, sensibilidade e compromisso. Sua orientação foi mais que técnica, foi também um gesto de cuidado.

E por fim, agradeço a mim. Por ter permanecido, mesmo diante das dores. Por ter acreditado, mesmo nos dias em que tudo parecia demais. Por ter seguido em frente.

Este trabalho é memória, é afeto, é sobrevivência, e por isso, é também uma forma de amor.

## **ENTRE LUGARES E MEMÓRIAS: uma análise documental sobre a desterritorialização de Jaguaribara**

### **RESUMO**

A desterritorialização refere-se ao deslocamento forçado de populações de seus territórios originais, resultando em profundas consequências sociais e culturais. Esse processo desintegra os vínculos territoriais, provoca crises de identidade e força os indivíduos a reconstruírem suas relações sociais em novos contextos que muitas vezes não respeitam suas tradições. O presente estudo tem como objetivo analisar como a desapropriação compulsória impactou a identidade e a dinâmica social dos moradores de Jaguaribara. A pesquisa, de natureza autobiográfica com ênfase narrativa, visa compreender como os laços afetivos com o antigo território influenciam a percepção de pertencimento e identidade dos participantes. Ao investigar como essa mudança forçada influenciou a identidade dos moradores de Nova Jaguaribara, este trabalho pretende contribuir para a compreensão da dinâmica social da comunidade. A pesquisa é de caráter qualitativo, de natureza exploratória, com delineamento documental. O corpus investigativo é composto por fotografias, jornais, objetos e registros históricos armazenados na Casa da Memória de Nova Jaguaribara, espaço que resguarda parte significativa do patrimônio material e simbólico da antiga cidade. Esses documentos, tratados como evidências sociais e culturais, foram analisados à luz de referenciais teóricos da Psicologia Comunitária, da memória social e da identidade territorial. Os primeiros apontamentos indicam que, apesar da infraestrutura moderna oferecida pela nova cidade, persistem marcas de perda e descontinuidade afetiva.

**Palavras-chave:** Desterritorialização. Jaguaribara. Identidade. Memória Social. Luto Coletivo.

**BETWEEN PLACES AND MEMORIES:** a documentary analysis on the  
deterritorialization of Jaguaribara

**ABSTRACT**

Deterritorialization refers to the forced displacement of populations from their original territories, resulting in profound social and cultural consequences. This process disintegrates territorial ties, causes identity crises, and forces individuals to rebuild their social relationships in new contexts that often do not respect their traditions. This study aims to analyze how compulsory expropriation impacted the identity and social dynamics of the residents of Jaguaribara. The research, of an autobiographical nature with a narrative emphasis, aims to understand how affective ties with the former territory influence the participants' perception of belonging and identity. By investigating how this forced change influenced the identity of the residents of Nova Jaguaribara, this work aims to contribute to the understanding of the social dynamics of the community. This is a qualitative, exploratory research project with a documentary design. The research corpus is composed of photographs, newspapers, objects and historical records stored in the Casa da Memória de Nova Jaguaribara, a space that preserves a significant part of the material and symbolic heritage of the old city. These documents, treated as social and cultural evidence, were analyzed in light of theoretical frameworks from Community Psychology, social memory and territorial identity. The first findings indicate that, despite the modern infrastructure offered by the new city, signs of loss and emotional discontinuity persist.

**Keywords:** Deterritorialization. Jaguaribara. Identity. Social Memory. Collective Mourning.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>8</b>
2.1 DESTERRITORIALIZAÇÃO POR POLÍTICAS DESENVOLVIMENTISTAS E SEUS IMPACTOS SOCIAIS.....	8
2.2 ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: CONHECER E RECONHECER.....	10
2.3 OS LAÇOS COMUNITÁRIOS E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DE LUGAR.....	16
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>19</b>
4.1 EXPERIÊNCIA DA DESTERRITORIALIZAÇÃO: VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS..	19
4.2 TRANSFORMAÇÕES IDENTITÁRIAS E AFETIVAS.....	22
4.3 NOVA CIDADE: ENTRE CONTINUIDADE E RUPTURA.....	25
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A edificação de barragens pode levar ao deslocamento de cidades inteiras e de suas populações, resultando em profundas alterações e impactos nas comunidades afetadas (Freitas *et al.*, 2022). Portanto, o processo de desterritorialização envolve alterações significativas nas esferas sociais, culturais e psicológicas, impactando diretamente a identidade coletiva de grupos que foram compelidos a abandonar seus locais de origem.

O caso de Jaguaribara, no estado do Ceará, Brasil, é um exemplo dessa situação. Em 2001, a construção da Barragem do Castanhão, uma das mais importantes obras de infraestrutura hídrica do Brasil, obrigou os habitantes de Jaguaribara a deixarem suas terras, suas raízes, e se mudarem para um novo local, que passou a ser denominado "Nova Jaguaribara". Esse deslocamento, embora justificado pelo desenvolvimento, trouxe consequências profundas e duradouras para a comunidade local. Mais do que uma mudança física, o impacto foi sentido nas memórias, na cultura e na identidade de um povo que se viu forçado a deixar para trás um pedaço essencial de sua história, que foi permeada por grande comunhão e união deste povo que tanto lutou por seu lar, criando grupos e desenvolvendo o "Movimento Não ao Castanhão", que durou 16 anos, conforme Ceará (2022) bem traz em sua obra "Memórias Interrompidas". A desterritorialização vivenciada pelos habitantes de Jaguaribara reflete as dificuldades e desafios de um deslocamento imposto, onde o novo espaço geográfico, ainda desconhecido e incerto, exigiu um doloroso processo de adaptação e reconstrução.

Jaguaribara, uma cidade com profundas raízes culturais e históricas, viu-se obrigada a abandonar seu território ancestral, resultando em um processo de luto coletivo pela perda de um lugar que não representava apenas um local de moradia, mas um espaço de memória, tradição e identidade. A desterritorialização, nesse contexto, não é apenas a transferência física de pessoas de um lugar para outro, mas um processo que desencadeia profundas transformações sociais, culturais e psicológicas. A perda do território original trouxe consigo a necessidade de reconstrução identitária, onde os habitantes da Nova Jaguaribara precisaram ressignificar sua relação com o espaço e com a comunidade.

A experiência de perda se articula com a necessidade de ressignificar a identidade, uma vez que o território não é apenas um local geográfico, mas também um espaço de pertencimento, de memória e de identidade cultural (Cavalcante; Elias, 2011). A partir disso,

surge o seguinte questionamento: como a desterritorialização forçada do povo de Jaguaribara, em função da construção da Barragem do Castanhão, desencadeou processos emocionais e sociais e de que forma essa comunidade tem reconstruído sua identidade diante da perda e do deslocamento?

Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como a desapropriação compulsória vivenciada em Jaguaribara, no estado do Ceará, afetou a identidade coletiva e as dinâmicas sociais da população realocada para a Nova Jaguaribara. De forma específica, busca-se refletir sobre as mudanças identitárias e nos vínculos afetivos com o território a partir da migração forçada, analisando como os conceitos de afetividade, pertencimento e estima de lugar, discutidos pela Psicologia Comunitária, podem contribuir para a compreensão dos efeitos sociais da desterritorialização. Além disso, pretende-se investigar, com base em registros e documentos históricos, como as políticas desenvolvimentistas foram percebidas e vividas no cotidiano da comunidade, especialmente durante e após o processo de deslocamento. Para tanto, a pesquisa documental será realizada a partir de materiais disponíveis na Casa da Memória de Nova Jaguaribara, espaço que resguarda objetos, fotografias e documentos da antiga cidade, possibilitando a reconstrução das memórias e o exame dos sentidos atribuídos à perda territorial e às estratégias de reterritorialização adotadas pelos moradores.

Além da relevância acadêmica e social deste estudo, o trabalho carrega um significado especial para a pesquisadora, que nasceu e cresceu na Nova Jaguaribara, uma cidade construída sobre as memórias de uma antiga cidade que ainda vive nas lembranças de seus antigos habitantes. Desde a infância, foi permeada por histórias de saudades, contadas por familiares e conhecidos, que frequentemente relembram com carinho e tristeza a antiga Jaguaribara, um lugar que, embora fisicamente ausente, continua presente nas narrativas e identidades daqueles que foram forçados a deixá-lo para trás.

Entretanto, a importância deste estudo vai além da experiência pessoal. Com ele, busca-se também destacar as implicações sociais mais amplas da desterritorialização. A migração forçada não apenas desestabiliza a vida dos indivíduos afetados, mas também impacta a coesão social da comunidade como um todo. A perda do território ancestral gera um vazio que afeta as relações sociais, a cultura local e as tradições que moldam a identidade coletiva, tendo em vista a relação afetiva com o lugar. Ao investigar como essa mudança forçada influenciou a identidade dos habitantes de Nova Jaguaribara, este trabalho pretende contribuir para um entendimento das dinâmicas sociais em jogo.

Por fim, este estudo é uma forma de homenagear e compreender as raízes que moldaram a história de toda uma comunidade. Além disso, busca trazer à tona as vozes daqueles que enfrentaram essa transição dolorosa, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar as experiências vividas por comunidades deslocadas. Ao abordar essas questões, espera-se contribuir para um diálogo mais amplo sobre os impactos sociais da migração forçada e promover uma reflexão sobre como essas experiências moldam identidades e relações dentro da comunidade.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 DESTERRITORIALIZAÇÃO POR POLÍTICAS DESENVOLVIMENTISTAS E SEUS IMPACTOS SOCIAIS**

As políticas desenvolvimentistas no Brasil historicamente promoveram grandes projetos de infraestrutura como ferramentas de progresso econômico e modernização. Essas iniciativas, que muitas vezes desconsideram as necessidades e dinâmicas locais, são implementadas com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento regional, mas acabam provocando impactos sociais, culturais e ambientais profundos. Na região amazônica, por exemplo, a abertura de estradas, construção de aeroportos, exploração mineral e aproveitamento hídrico para a geração de energia elétrica têm sido algumas das principais ações. Embora visem à expansão das fronteiras econômicas, esses projetos frequentemente resultam na perda de terras, migração forçada e desestruturação das comunidades, como observa Amorim (2021) em sua análise sobre a usina de Belo Monte.

No caso da construção da Barragem do Castanhão, o cenário é semelhante. Com o propósito de minimizar os efeitos das secas prolongadas que afetaram o estado do Ceará, o Governo Federal, em 1985, direcionou recursos para a construção da Barragem do Castanhão, uma obra estratégica para garantir o abastecimento hídrico durante os períodos de escassez (Freitas *et al.*, 2022). A obra desconsiderou as bases materiais e imateriais da antiga Jaguaribara, resultando na submersão da cidade e na realocação de sua população para uma nova área.

Assim como em outros projetos de grande escala, a decisão foi tomada por interesses externos e políticos, sem considerar os vínculos profundos que os moradores tinham com seu

território. Esse processo evidencia um padrão recorrente nas políticas de desenvolvimento, em que as populações locais são forçadas a modificar suas formas de vida e reprodução social para atender a demandas econômicas externas, enquanto lidam com os efeitos desestruturantes da perda de seu espaço original.

Além da Amazônia e de Jaguaribara, o impacto dessas políticas também pode ser observado em outras regiões do país, como em áreas de fronteira agrícola. Nesses casos, o agronegócio e as grandes corporações têm se apropriado de terras anteriormente ocupadas por comunidades tradicionais, através de processos violentos ou coercitivos. Alves (2023), por exemplo, analisa a desterritorialização do território camponês KM 69, na Chapada do Apodi, Ceará, onde a empresa Del Monte, em nome da expansão agrícola, negociou e adquiriu terras dos habitantes locais. No entanto, para aqueles que se recusaram a sair, o uso intensivo de agrotóxicos, como enxofre, levou à contaminação do solo, forçando-os a abandonar suas casas e modos de vida.

Essas políticas de exploração de recursos naturais tendem a negligenciar os impactos humanos e sociais das comunidades afetadas, como o deslocamento forçado, a desintegração de laços sociais e a necessidade de ressignificação identitária em novos territórios. Tanto no contexto de Jaguaribara, com a construção da Barragem do Castanhão, quanto em Belo Monte e na Chapada do Apodi, as comunidades locais foram submetidas a uma lógica externa que prioriza o crescimento econômico em detrimento da preservação das suas tradições, vínculos comunitários e modos de vida. Assim, o custo social dessas políticas é elevado, gerando desestruturação não apenas econômica, mas também emocional, afetando profundamente a identidade das populações deslocadas (Amorim, 2021).

Dessa forma, essas políticas de desenvolvimento acabam por reforçar um ciclo de vulnerabilidade social e psicológica, forçando os indivíduos e comunidades a lidarem com a perda do território como um espaço simbólico e material. A necessidade de ressignificação do novo território e a reconstrução dos laços comunitários tornam-se, então, um dos maiores desafios enfrentados por essas populações, como se observou no caso de Jaguaribara, onde a Nova Jaguaribara não apenas substituiu fisicamente a cidade antiga, mas também exigiu a criação de novas formas de identidade e pertença (Bertini, 2014).

A desterritorialização, entendida como o deslocamento forçado de populações de seus territórios originais, gera consequências profundas nas dinâmicas sociais e culturais das

comunidades afetadas (Amorim, 2021). Ainda em consonância com a autora, o processo de migração forçada resulta na desintegração dos vínculos territoriais, levando a uma crise de identidade, onde os indivíduos se veem obrigados a reconstruir suas relações sociais em novos contextos que muitas vezes não refletem suas tradições e modos de vida. Este fenômeno é particularmente evidente em projetos de desenvolvimento que priorizam a expansão econômica em detrimento das necessidades locais. A migração forçada não apenas desestabiliza as estruturas familiares e comunitárias, mas também provoca um sentimento de perda que permeia as narrativas coletivas, dificultando a ressignificação do espaço e a adaptação à nova realidade.

Em muitos casos, as políticas públicas implementadas para promover grandes obras de infraestrutura ignoram as vozes e experiências das comunidades locais. A perda do território não é apenas uma questão material, ela envolve também a perda de um espaço simbólico que carrega significados culturais e históricos. Assim, a desterritorialização impõe um desafio significativo para a construção da identidade coletiva, exigindo que os indivíduos desenvolvam novas formas de pertencimento (Amorim, 2021).

## 2.2 ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: CONHECER E RECONHECER

Jaguaribara, situada no estado do Ceará, Brasil, tem uma trajetória histórica marcada por importantes transformações. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Jaguaribara foi fundada em 1871, consolidando-se como uma localidade significativa no sertão cearense (IBGE, 2023). Originalmente, a economia de Jaguaribara era baseada na agricultura e na criação de gado, beneficiada pela proximidade com o rio Jaguaribe, que desempenhava um papel crucial no sustento das atividades econômicas e na vida cotidiana da população local. O rio permitia a irrigação das terras e contribuía para a prosperidade da região.

É válido destacar que o território de Jaguaribara já enfrentou processos de expulsão e deslocamento muito antes de se tornar oficialmente um município. Desde o período colonial, a região foi palco de conflitos entre os colonizadores e as tribos indígenas Jaguaribara e Tapuias, que foram forçadas a deixar suas terras originais devido à expansão territorial dos europeus. A atuação de Domingo Paes Botão, responsável por efetivar a expulsão dessas comunidades indígenas, marca um capítulo inicial de deslocamento e transformação na

história da área. Como destaca Bertini (2014), a chegada dos colonizadores trouxe consigo a imposição de novas estruturas sociais e econômicas, que desconsideravam as práticas tradicionais dos povos indígenas. Essa dinâmica de poder criou um ambiente de resistência e adaptação, onde os indígenas foram forçados a se reorganizar em resposta às ameaças externas.

Esses eventos anteciparam uma série de mudanças subsequentes que continuariam a moldar o destino da região, refletindo um padrão de adaptação e resiliência frente às adversidades e transformações impostas ao longo dos séculos, culminando com a desterritorialização forçada da cidade original com a construção do Açude Castanhão.

Tais antecedentes históricos são fundamentais para compreender o contexto em que Jaguaribara se desenvolveu e como as experiências passadas de deslocamento influenciaram as reações da comunidade durante eventos posteriores, como a construção da Barragem do Castanhão, compreendendo que os próprios moradores tiveram essa visão de padrão subsequente, conforme citado por uma moradora entrevistada por Bertini (2014). A luta pela preservação da identidade cultural e dos laços comunitários pode ser vista como uma resposta direta às experiências históricas de perda e adaptação que marcaram a trajetória da região, conforme Bertini (2014, p. 28) afirma em uma de suas entrevistas realizadas com moradores:

A moradora entrevistada faz uma relação de caráter metafórico a partir da história de Jaguaribara: o colonizador estrangeiro, no início, expulsa os indígenas da terra para colonizá-la, e o governo do Estado também como um colonizador moderno 'expulsa' seus cidadãos mais uma vez, mas agora para 'descolonizar', em uma modalidade diferente do domínio político e econômico. A entrevistada faz menção aos primeiros fatos que ocorreram muito antes de o município ser nomeado com este nome no ano de 1943 (Bertini, 2014, p. 28).

Ceará (2022) relata que em 1985 a cidade recebe a primeira notícia daquilo que, 10 anos após, viria a ser o início da obra que marcaria seu trágico e doloroso fim. A notícia da construção da Barragem do Castanhão culminou na concretização da famosa lenda que circulava nos arredores da comunidade, de que um dia a cidade viraria "cama de baleia" graças a uma maldição rogada por Frei Vidal, missionário da igreja católica, após ter sido assaltado nas terras da sertaneja Jaguaribara.

O movimento "Não ao Castanhão" surgiu como uma resposta significativa da população local contra a construção da Barragem Castanhão, refletindo a resistência e as preocupações dos moradores afetados pela obra, este movimento perdurou por 16 anos (Ceará, 2022). À medida que os planos para a construção do açude se concretizavam, os

habitantes de Jaguaribara mobilizaram-se para contestar o projeto que prometia submergir suas terras e deslocar suas comunidades. A resistência foi marcada por protestos, manifestações e campanhas para sensibilizar o público e pressionar as autoridades a reconsiderar o impacto social e ambiental do projeto.

Durante o período de 1985 a 1994 as ruas da antiga cidade estavam sempre agitadas em forma de protesto, os moradores expressavam suas preocupações com a perda de suas casas, suas tradições e a quebra dos laços comunitários estabelecidos ao longo de gerações. Ceará (2022) destaca que cada etapa do processo, desde as primeiras discussões sobre a construção até a execução efetiva da obra, gerou uma onda de resistência. Apesar dos esforços do movimento, a construção do açude prosseguiu, resultando no deslocamento forçado dos habitantes e na criação da primeira cidade planejada do Estado do Ceará, Nova Jaguaribara.

A construção da Barragem do Castanhão não apenas resultou na submersão da Velha Jaguaribara, mas também na alteração de um modo de vida profundamente enraizado na cultura local. A antiga cidade era caracterizada por uma organização social que favorecia a convivência comunitária. As casas, em sua maioria conjugadas, e a disposição das calçadas permitiam que os moradores interagissem com facilidade, criando um ambiente propício para o fortalecimento dos laços sociais. As praças e espaços públicos eram pontos de encontro para celebrações e festividades, como a Festa da Padroeira, que reforçavam a identidade coletiva da população (Freitas *et al.*, 2022).

Assim como os pontos citados, as calçadas das casas fortaleciam o vínculo entre os moradores, tendo como um traço marcante na cidade as famosas cadeiras de balanço, utilizadas para o momento de socialização. A imagem abaixo materializa essa memória: uma fotografia antiga sendo segurada diante das ruínas da antiga Jaguaribara, revelando um grupo de pessoas reunidas sob a sombra das árvores, em frente à casa, sentadas em cadeiras de balanço. O contraste entre o passado vivo e o presente silencioso reforça o valor simbólico desses encontros cotidianos, que iam além da convivência.

**Figura 1 - Imagem de moradores sentados na calçada. Ao fundo, a mesma calçada em destroços.**



Fonte: Lianne Ceará, 2022

Ceará (2022) pontua o relato de um morador e poeta da cidade, Isac da Silva, que coordenou grupos culturais, até mesmo durante o movimento “Não ao Castanhão” como forma de protesto, por meio de teatros e músicas, documentados por várias obras suas expostas até os dias atuais. A produção artística “Jaguaribara ontem, hoje e amanhã” criticava o governo e suas condutas decisórias sobre o destino da cidade, contando sua história baseada no passado, presente e no futuro, mesmo que incerto. O grupo, formado por jovens apresentou-se por todo o estado do Ceará, “Todos queriam saber da história da cidadezinha que seria destruída tão logo” (Ceará, 2022, p. 54).

Após a mudança, mesmo com a nova cidade oferecendo estruturas que favorecem o desenvolvimento cultural, muitos moradores gradualmente deixaram de valorizar essas práticas, resultando em uma desconexão com o espaço. Como observa Ceará (2022):

[...] os espaços não abarcavam o mesmo sentido que tinham na antiga Jaguaribara e o barulho que fazia o movimento social, aos poucos, silenciou. Mesmo com diversos anfiteatros propícios para as apresentações espalhados por todo o perímetro urbano, iniciativas populares, como a Associação dos Moradores, o grupo teatral “Arte e Sonho” e o coral “Um canto em cada canto” deixaram de existir na nova cidade. (Ceará, 2022, p. 57)

A antiga Jaguaribara era marcada por uma forte união entre seus habitantes. Desde reuniões informais para assistir a um jogo de futebol na casa de um vizinho até festividades e protestos, tudo refletia essa coesão comunitária. Durante os dias que antecederam a demolição da cidade, essa união se intensificou. Ceará (2022, p. 42) narra que “o sentido de comunidade era tanto em Jaguaribara que, nos dias que antecederam a mudança para a nova cidade, cada rua teve a sua despedida.” Essa despedida coletiva não apenas simbolizou a perda de um espaço físico, mas também evidenciou o profundo laço emocional que os moradores tinham

com suas memórias e tradições, reforçando a importância da preservação da história local em meio às transformações.

Para que todas as ruas confraternizassem, a Prefeitura também organizou uma seresta na praça. Naquela noite, a alegria, que permeava todas as festas da cidade, foi deixada de lado e substituída pelas lágrimas e pela apreensão. Nos dias seguintes, as lágrimas continuavam, só que ainda mais desoladoras enquanto as ruas assistiam aos carros de mudança chegando, tirando as coisas das casas, às famílias indo embora nos ônibus, ao carro de bombeiro levando os santos da igreja e às máquinas destruindo tudo, as casas, os prédios públicos, a praça e até a igreja. A última procissão que as ruas de Jaguaribara assistiram foi a de despedida, no dia 21 de setembro de 2001. (Ceará, 2022, p. 42)

Essas cenas de despedida, carregadas de dor e simbolismo, podem ser vislumbradas nas imagens a seguir. Esta primeira evidencia o estado de destruição de uma casa já abandonada, com paredes ruídas e objetos ainda presentes no cenário. Essa cena simboliza a violenta interrupção de uma vida construída com afeto, pertencimento e memória.

**Figura 2 - Casa em destroços**



Fonte: Casa da Memória de Jaguaribara, 2024.

A seguir, a imagem da demolição da igreja representa um dos momentos mais simbólicos e dolorosos de todo o processo. Mais do que um edifício, a igreja era o coração espiritual e social da cidade, lugar de batismos, casamentos, celebrações religiosas e encontros comunitários. Sua destruição marca não apenas a perda de um espaço sagrado, mas também o rompimento de laços que transcendem o material.

**Figura 3 - Demolição da igreja**

Fonte: Casa da Memória de Jaguaribara, 2024.

A imagem seguinte expressa o esvaziamento gradual da cidade, uma despedida silenciosa e coletiva em que cada família partia com o peso de deixar para trás não apenas sua casa, mas também vizinhos, rotinas e histórias que se entrelaçavam nas ruas. Essa cena sintetiza o luto territorial vivido por Jaguaribara: o adeus ao conhecido e a travessia forçada rumo à incerteza da nova cidade.

**Figura 4 - Processo de mudança dos habitantes**

Fonte: Casa da Memória de Jaguaribara, 2024.

Bertini (2014) destaca que a experiência da remoção não se limitou à perda física do espaço, ela envolveu também uma profunda transformação emocional. Os afetos como saudade, medo e esperança passaram a permear as interações sociais na nova cidade, refletindo uma luta contínua para estabelecer novas formas de pertencimento. A nova cidade

foi planejada para acomodar os antigos habitantes, mas muitos relataram uma sensação de desconexão em relação ao novo ambiente, principalmente o público idoso, que enfrentou um luto coletivo pela Velha Jaguaribara, onde suas memórias e laços foram irreversivelmente desfeitos, como destaca Ceará (2022, p. 44):

Toda essa modernidade deixou os mais idosos tontos e perdidos, como se fossem retirantes na capital, só que ainda no interior. Assim que chegaram à nova cidade, não achavam suas casas, não sabiam onde estavam, não reconheciam as ruas largas. Isso aconteceu com os que preferiram seguir as ruas de paralelepípedos alinhados, mas houve os que não tiveram a oportunidade de pisar por muito tempo, pois morreram de desgosto e de depressão, ou os que ficam sempre em casa sem habitar as ruas, ou os que preferiram simplesmente não pisar mais ali.

Muitos moradores mantêm vivas as memórias da antiga Jaguaribara, utilizando-as como um recurso para enfrentar os desafios da nova realidade. A nostalgia pela cidade original é frequentemente mencionada tanto por Bertini (2014) quanto por Ceará (2022) como uma forma de resistência cultural, onde as tradições e histórias locais são recontadas nas novas configurações sociais. Assim, Nova Jaguaribara não é apenas um espaço físico, é também um campo onde as identidades são constantemente redefinidas e reconstruídas em resposta às experiências coletivas de perda e adaptação.

### 2.3 OS LAÇOS COMUNITÁRIOS E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DE LUGAR

Os laços comunitários são fundamentais para a coesão social e o desenvolvimento humano, pois se formam a partir de conexões sociais e emocionais entre os membros de uma comunidade. Esses laços são construídos por meio de elementos como território, história compartilhada e valores comuns, promovendo um forte sentimento de pertencimento e identidade social (Góis, 2005, 2008, *apud* Pacheco, 2018). A vivência em um ambiente comum, onde as relações sociais são cultivadas, contribui significativamente para a formação de vínculos afetivos que são essenciais para o bem-estar psicológico dos indivíduos, portanto, Pacheco (2018) aponta que a compreensão de uma comunidade deve ir além da simples delimitação geográfica, incorporando aspectos que influenciam sua dinâmica social, cultural, psicológica, econômica e política.

A afetividade, em consonância com o estabelecimento de vínculos comunitários e do homem com o meio em que está inserido, desempenha um papel importante para a construção

da identidade social. Pacheco (2018) cita que ela está ligada às emoções e sentimentos que os indivíduos desenvolvem em relação ao seu ambiente e aos outros membros da comunidade, sendo construída à base de experiências compartilhadas.

O valor emocional e simbólico que os indivíduos atribuem ao ambiente em que vivem, transformando um espaço físico em um lugar significativo, é interpretado a partir do processo de apropriação. Essa relação é construída por meio de experiências, memórias e interações que ocorrem nesse espaço, conferindo-lhe um caráter único e pessoal. A estima de lugar é essencial para a formação da identidade individual e coletiva, pois está intimamente ligada à sensação de pertencimento e à construção de laços sociais, sendo possível afirmar que toda atividade humana implica um processo de apropriação (Cavalcante; Elias, 2011).

É válido salientar a importância dos laços comunitários para o desenvolvimento psicossocial de uma comunidade. A construção desses laços ocorre desde o apego ao território e a identificação com o lugar até a criação de vínculos entre os moradores locais. Esses vínculos são estabelecidos por meio de diversas variáveis, como a convivência diária, a partilha de experiências, as tradições culturais e a cooperação mútua diante de desafios comuns. Esses laços não apenas proporcionam um senso de pertencimento, como Santos e Lima (2020) pontuam, mas também atuam como uma rede de suporte social, promovendo o bem-estar emocional e fortalecendo a coesão social em momentos de crise ou mudanças significativas, como a desterritorialização.

Góis (2005) enfatiza a comunidade como um espaço de interações sociais significativas, onde os indivíduos se relacionam e constroem identidades coletivas. O autor ainda define a comunidade não apenas pela proximidade física dos indivíduos, mas também pela qualidade das relações que se estabelecem entre eles. Essas relações são moldadas por fatores históricos, culturais e sociais, que influenciam a dinâmica comunitária e a formação de laços afetivos.

A identidade, para Góis (1994) é um processo contínuo de expressão do eu, que se constrói a partir das interações com o meio. Essa perspectiva reforça a ideia de que os laços comunitários são essenciais para o desenvolvimento humano, pois proporcionam um senso de pertencimento e apoio emocional. A ausência desses laços pode levar à desintegração social e à alienação, onde os indivíduos deixam de se sentir parte pertencente do grupo, comprometendo não apenas sua saúde mental, mas também a coesão da comunidade como

um todo, visto que a dimensão relacional é marcada pela interação dinâmica entre as vivências sociais cotidianas e as características do ambiente onde elas ocorrem, conexão essa que, ao integrar aspectos cognitivos e afetivos, contribui para a formação tanto da identidade pessoal quanto da identidade comunitária (Elali; Medeiros, 2011).

Segundo Elali e Medeiros (2011), o senso de comunidade se desenvolve quando o indivíduo se reconhece como parte integrante de um grupo e de um local específicos, compreendendo a existência de uma relação singular entre ambos. Logo, quando há a quebra desse sentimento de pertença, os indivíduos podem enfrentar sérias consequências emocionais e sociais. Além disso, a falta de conexão com o ambiente físico, que, segundo Góis (1994), é frequentemente associado a memórias e experiências compartilhadas, pode levar à desvalorização do espaço habitado, dificultando a construção de uma boa identidade coletiva. Portanto, a desconexão com a comunidade e o ambiente pode levar ao isolamento e à desintegração das redes de apoio social, comprometendo a saúde mental e a qualidade de vida dos indivíduos.

### **3 METODOLOGIA**

Esta pesquisa adota a abordagem qualitativa, utilizando como principal procedimento a pesquisa documental, que, de acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), trata-se de uma investigação que busca compreender o objeto de estudo a partir da análise de documentos primários, ou seja, materiais que ainda não receberam tratamento científico prévio. A escolha pela pesquisa documental se justifica pela riqueza de informações que esses documentos oferecem, especialmente para a compreensão de fenômenos que exigem contextualização histórica e sociocultural.

O corpus documental deste trabalho foi composto por materiais escritos, visuais e institucionais disponíveis no acervo da Casa da Memória de Nova Jaguaribara, incluindo fotografias, registros administrativos, publicações jornalísticas e transcrições de falas arquivadas. A seleção dos documentos considerou critérios de relevância temática, autenticidade e representatividade quanto ao processo de desterritorialização vivenciado pela antiga cidade de Jaguaribara e sua posterior reconstrução.

Conforme orientam Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), a análise documental deve passar por um processo de pré-análise, no qual o pesquisador avalia o contexto de produção dos documentos, a identidade dos autores, a credibilidade da fonte, a natureza do texto e os conceitos-chave presentes nos registros. Essas dimensões foram consideradas ao longo da leitura e interpretação dos materiais, respeitando suas lacunas, fragmentações e o lugar social a partir do qual foram produzidos.

A análise dos documentos foi orientada pelos princípios da análise de conteúdo, com a construção gradual de categorias temáticas que emergiram diretamente dos dados (Sá-Silva, Almeida e Guindani, 2009). Para isso, foram realizadas leituras atentas e sucessivas dos materiais, acompanhadas de registros interpretativos, a fim de captar sentidos recorrentes ligados à memória, ao pertencimento e à identidade cultural. O processo de categorização seguiu uma lógica indutiva, permitindo que os próprios documentos orientassem a organização dos resultados, sem imposição de esquemas teóricos prévios.

Dessa forma, a pesquisa documental aqui empregada não se limita à coleta de dados formais, mas busca escutar e analisar, por meio dos documentos, as vozes silenciadas e os sentidos afetivos inscritos nos rastros da história, como propõem os autores, promovendo um diálogo entre passado e presente, materialidade e subjetividade, arquivo e memória.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 EXPERIÊNCIA DA DESTERRITORIALIZAÇÃO: VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS**

As memórias, entrelaçadas aos relatos escutados ao longo da vida, revelam que a antiga Jaguaribara era, para muitos, um lugar de pertencimento e acolhimento. Diversos depoimentos resgatam o valor simbólico e afetivo do rio, que não apenas abastecia a cidade, mas também representava um espaço de lazer e encontro. Diz-se que ele atraía visitantes de fora por ser aconchegante, com águas agradáveis para banho e momentos de descontração, especialmente nas festas realizadas no balneário às suas margens. O rio era mais do que um recurso natural: era parte viva da identidade da comunidade.

Um aspecto marcante, evocado com carinho, refere-se às idas ao rio para lavar roupas, atividade frequentemente realizada que ia para além da função utilitária. Esses momentos, embora tivessem uma função utilitária, convertiam-se em ocasiões de lazer, nos quais o

trabalho era entremeado por brincadeiras e banhos coletivos, promovendo não apenas a realização de uma tarefa cotidiana, mas também o fortalecimento dos vínculos. Tais práticas evidenciam como espaços naturais, como o rio, estavam profundamente entrelaçados às dinâmicas sociais e afetivas da antiga cidade, sendo elementos fundamentais na construção das memórias e dos vínculos da comunidade.

**Figura 5 - Lavadeiras no rio da antiga Jaguaribara**



Fonte: Casa da Memória de Jaguaribara, 2025.

Outro espaço frequentemente lembrado com carinho é a praça da cidade. Os moradores recordam com saudade as caminhadas ao seu redor, seguidas de longas conversas sentados nos bancos com amigos, um hábito cotidiano que reforçava os laços de amizade e confiança. Esse tipo de ambiente pode ser compreendido, à luz da Psicologia Ambiental, como um ambiente restaurador, ou seja, um espaço que favorece o bem-estar psicológico e promove sentimentos de pertencimento e tranquilidade (Alves, 2011). A praça, nesse contexto, desempenhava um papel essencial na vida cotidiana, funcionando como cenário de convivência, troca e cuidado com os vínculos sociais.

O sentimento de segurança era tão forte que, mesmo durante a noite, famílias permaneciam nas ruas sem medo. Atualmente, o contraste com a nova cidade é evidente: muitos pais demonstram insegurança ao permitir que seus filhos frequentem os mesmos espaços até tarde, devido ao aumento da criminalidade e à desestabilização do modo de vida tranquilo que existia na antiga Jaguaribara.

Antes mesmo da mudança definitiva, os moradores de Jaguaribara já vivenciavam um período de grande instabilidade emocional. Os rumores sobre a desterritorialização circulavam entre conversas cotidianas, enquanto a presença de técnicos e engenheiros, com seus instrumentos de medição, intensificava o sentimento de incerteza e de que algo irreversível estava prestes a ocorrer. As famílias, embora temerosas, ainda se agarravam à esperança de que a cidade fosse poupada. No entanto, a cada nova visita oficial, a realidade da destruição se impunha de forma mais concreta e inevitável.

Esse sentimento coletivo de incerteza e despedida foi ganhando forma nos pequenos gestos do cotidiano e, mais tarde, se materializou também nos registros oficiais. A imagem a seguir, retirada de um jornal da época, ilustra esse momento liminar - um anúncio que, mais do que informar, marca simbolicamente o início do adeus à cidade.

**Figura 6 - Jornal de anúncio da despedida dos moradores**



Fonte: Casa da Memória de Jaguaribara, 2025.

Durante o processo de mudança, os relatos evocam cenas de grande carga emocional: o transporte dos móveis, a retirada de objetos pessoais e o adeus silencioso às casas que, até então, abrigavam histórias de vida. Há diversos relatos marcantes acerca do processo de mudança, que vão desde expressões de profundo pesar - como aqueles que afirmavam preferir morrer junto com a antiga cidade - e manifestações de esperança por uma vida melhor na nova localidade. Além dos relatos orais, há registros visuais e sonoros, como gravações em CDs e documentários que retratam o processo de destruição das casas e de patrimônios simbólicos, como a igreja. Esses registros funcionam como vestígios materiais de um passado que resistia ao esquecimento, revelando o desejo coletivo de manter viva a memória do lugar, mesmo diante da inevitável perda de seu território físico.

Após a chegada à Nova Jaguaribara, muitos vivenciaram um sentimento de estranhamento. A padronização das casas, a disposição planejada das ruas e a ausência de elementos simbólicos da antiga cidade provocaram sensação de desencaixe. Embora o corpo estivesse no novo espaço, a alma, como dizem alguns, ainda morava nas ruas submersas do que um dia foi Jaguaribara (Ceará, 2022).

Apesar de não ter vivenciado diretamente a antiga Jaguaribara, é possível sentir profunda conexão às memórias afetivas transmitidas por familiares e conhecidos. As narrativas carregadas de saudade e perdas moldaram a percepção sobre o que foi perdido, despertando empatia intensa por uma ausência que, embora não experienciada pela autora, se faz presente na sua constituição identitária.

Essa experiência pode ser compreendida à luz do conceito de memória coletiva, o qual as lembranças pessoais são constantemente reconstruídas em meio aos quadros sociais em que estamos inseridos (Valle; Lima, 2024). Nesse sentido, a dor transmitida pelas narrativas de familiares não é apenas individual, mas coletiva, refletindo um sofrimento social que persiste mesmo após o evento traumático. Esse tipo de reverberação ao longo do tempo é caracterizado como trauma social, que afeta profundamente os vínculos e sentidos de pertencimento de uma comunidade, visto que, segundo Paranhos e Werlang (2015), a saúde mental da população que passa por tais perdas é fortemente comprometida, repercutindo diversas manifestações como luto mal elaborado, quadros depressivos, etc. Além disso, a desterritorialização experimentada pelo povo de Jaguaribara não diz respeito apenas à perda física da cidade, mas à ruptura dos laços simbólicos que a população mantinha com o espaço original. Como destaca Haesbaert (2009) *apud* Enes e Bicalho (2014), o território é também uma construção identitária e afetiva, sendo a sua perda uma ameaça à continuidade das memórias e dos sentidos de pertencimento.

#### 4.2 TRANSFORMAÇÕES IDENTITÁRIAS E AFETIVAS

O sentimento de pertencimento à antiga Jaguaribara se enraizava nos espaços e nas relações que ali se construía: as casas simples, ruas, praças movimentadas, o rio que banhava a cidade, a igreja como ponto de encontro e espiritualidade, e, sobretudo, na convivência cotidiana entre os moradores. Esses elementos constituíam um tecido comunitário denso, em que o território era mais do que um espaço físico - era vivido como extensão da própria identidade.

Visto que a moradia constitui uma fonte significativa de conexões emocionais entre o indivíduo e o ambiente (Elali; Medeiros, 2011), no contexto da Velha Jaguaribara a afetividade estava intimamente ligada às relações sociais estabelecidas ao longo do tempo, onde a vivência compartilhada em um espaço comum contribuía para um forte senso de pertencimento.

Em consonância com Góis (1994), o sentimento de pertencimento está diretamente relacionado ao vínculo entre o sujeito e a comunidade, sendo um fator determinante para a constituição do self e para a construção de sentidos coletivos. Esse vínculo não nasce apenas da presença geográfica, mas da participação ativa na vida comunitária, nos afetos partilhados e nas histórias que se entrelaçam ao longo do tempo. A memória afetiva e o envolvimento com os espaços cotidianos fortalecem o sentimento de continuidade e de enraizamento, elementos centrais para a identidade comunitária. Em Jaguaribara, esse pertencimento não era apenas territorial, mas profundamente simbólico e afetivo, sustentando uma identidade coletiva marcada pela união, pela história comum e pela força das relações interpessoais.

Entretanto, a desterritorialização forçada implicou em uma ruptura abrupta com os marcos simbólicos que sustentavam a identidade coletiva dos moradores da cidade. Ao deixar para trás suas casas e espaços de convivência - elementos essenciais de sua vivência comunitária -, os sujeitos foram lançados a um novo território que, inicialmente, lhes era estranho e desprovido de significados afetivos. A identidade, enquanto construção social e histórica, viu-se abalada, pois os referenciais anteriormente partilhados passaram a não mais existir concretamente.

A construção da Nova Jaguaribara trouxe à tona desafios significativos para a afetividade. Analisando a obra de Ceará (2022), que narra os “testemunhos do sertão que virou mar”, constata-se que a perda do espaço familiar e das interações cotidianas resultou em sofrimento psíquico e dificuldades de adaptação ao novo ambiente, manifestando-se em um luto prolongado entre os moradores. Esse luto, além da perda física do lugar, abrange a ruptura de vínculos emocionais que sustentavam a vida social e cultural da comunidade.

Conforme aponta Haesbaert (2003) citado por Enes e Bicalho (2014), os processos de deslocamento compulsório provocam descontinuidade nas experiências identitárias, exigindo dos sujeitos a reelaboração de sua própria narrativa e a ressignificação do novo espaço. A reconstrução da identidade, nesse contexto, ocorre de maneira gradual e conflituosa,

envolvendo tanto a saudade do que foi perdido quanto o esforço em atribuir novos sentidos ao lugar presente. Esse processo de reconstrução se dá a partir das relações simbólicas entre o sujeito e a comunidade, que, conforme Góis (1994), são fundamentais para a constituição da identidade e para a vivência do pertencimento nos espaços coletivos.

Em Jaguaribara, essa reconstrução passou a envolver a criação de novas referências afetivas, mas também a preservação da memória da cidade submersa como forma de resistência simbólica e afirmação de pertencimento. A Casa da Memória, por exemplo, torna-se não apenas um espaço museológico, mas um instrumento identitário vivo, onde o passado é constantemente reatualizado e incorporado às novas formas de existir da comunidade. Além de resguardar elementos como fotografias antigas, aparelhos eletrônicos e documentos preservados, há também a representação de um cômodo típico das casas da antiga cidade, composto por móveis doados pelos próprios moradores durante o processo de mudança, o que reforça ainda mais os vínculos afetivos com o passado.

**Figura 7 - Cômodo recriado na Casa da Memória**



Fonte: Casa da Memória de Jaguaribara, 2025.

Entre os diversos objetos preservados, as placas das ruas da antiga Jaguaribara ocupam um lugar simbólico e profundo. Mais do que simples sinalizações urbanas, elas carregam nomes, memórias e trajetórias de vida. Ao serem expostas, evocam a paisagem cotidiana da cidade submersa, resgatando, rua por rua, os vínculos afetivos que os moradores mantinham com seu território. São fragmentos materiais de uma geografia que persiste, mesmo ausente fisicamente, na lembrança de quem a habitou.



Como aponta Ceará (2022), uma das principais queixas dos antigos habitantes foi a reorganização das vizinhanças: muitas famílias não conseguiram manter os laços de vizinhança anteriores, o que dificultou a reconstrução imediata dos vínculos comunitários. Ainda que alguns tenham sido alocados em quadras próximas, a ausência da convivência cotidiana com os mesmos vizinhos de porta evidenciou a perda de uma estrutura relacional que ia além da moradia - um tecido social que dava sentido de pertencimento, segurança e identidade ao lugar, já que o senso de pertencimento comunitário se dá a partir do momento que o sujeito identifica-se como parte de um grupo social vinculado a um território específico (Hummon, 1992 *apud* Elali; Medeiros, 2011). Essa descontinuidade relacional contribuiu para o sentimento de estranhamento frente à nova cidade, onde, apesar da arquitetura moderna, a sensação inicial era de vazio simbólico e afetivo.

A transição para a Nova Jaguaribara trouxe consigo um novo modelo urbanístico, planejado por entidades governamentais. Embora a nova cidade tenha sido concebida com infraestrutura moderna, incluindo pavimentação, sinalização e serviços básicos como água e esgoto, essa nova configuração não conseguiu replicar o sentido de pertencimento que caracterizava a Velha Jaguaribara. A distância do Rio Jaguaribe, uma fonte vital de sustento e lazer para os antigos moradores, contribuiu para uma sensação de perda que permeou as experiências dos deslocados (Freitas *et al.*, 2022).

Apesar da Nova Jaguaribara oferecer melhores estruturas, como um número significativamente maior de praças em comparação à antiga cidade, onde havia apenas uma, muitos moradores ainda lutam para desenvolver um sentimento de pertencimento em relação ao novo ambiente, culminando na falta de cuidado com os locais. Conforme apontado por Ceará (2022), essa dificuldade em zelar pelo espaço reflete a ausência de vínculos afetivos que antes caracterizavam a Velha Jaguaribara.

Não durou muito para que os parquinhos infantis de madeira, os bancos novos e as quadras esportivas fossem completamente depredados. Era como se houvesse uma certa revolta e aquele lugar nunca fosse nosso de fato, resultando na falta de pertencimento e na destruição daquilo que, na verdade, deveríamos cuidar. (Ceará, 2022, p. 56)

O processo de deslocamento compulsório gerou um impacto psicológico significativo nos moradores. Freitas *et al.* (2022) destacam que grande parte da população relatou vivências de luto prolongado e dificuldades em se vincular ao novo espaço. Esse sofrimento psíquico é frequentemente associado à perda não apenas do espaço físico, mas também das referências culturais e afetivas que moldavam suas identidades. A vivência do luto coletivo se tornou uma

característica marcante entre os habitantes de Nova Jaguaribara, refletindo a profunda conexão emocional com a Velha Jaguaribara.

A partir disso, fica evidente que a transição da Velha para a Nova Jaguaribara não implicou apenas em uma mudança física de território, mas também em uma profunda reconfiguração das relações simbólicas e afetivas dos moradores com o espaço urbano. Na antiga cidade, os espaços públicos e privados eram carregados de significados construídos ao longo do tempo, refletindo a identidade coletiva da comunidade. Com a realocação, muitos desses marcos simbólicos foram perdidos ou descontextualizados, dificultando a reconstrução de uma identidade urbana compartilhada. Conforme Jacques (2008), a espetacularização do patrimônio cultural urbano, muitas vezes promovida por intervenções planejadas sem a devida consideração das práticas e memórias locais, pode resultar em espaços que, embora visualmente atrativos, carecem de autenticidade e conexão com os habitantes. Nesse sentido, a Nova Jaguaribara, apesar de sua infraestrutura moderna, enfrenta o desafio de ressignificar seus espaços para além da estética, buscando reconstruir os vínculos afetivos e identitários que foram interrompidos com a desterritorialização.

A experiência do deslocamento compulsório vivida pelos moradores de Jaguaribara não se restringiu à perda material, mas desestruturou também os referenciais simbólicos e afetivos que sustentavam o pertencimento coletivo ao território. A necessidade de se readaptar à nova cidade implicou em esforços não apenas físicos, mas sobretudo subjetivos, demandando a reorganização das relações sociais e a ressignificação do espaço. Como aponta Silva (2002), a memória coletiva é constantemente reativada por práticas sociais, rituais e objetos que carregam significados compartilhados pelo grupo. Na ausência dos marcos antigos, os moradores precisaram construir novos sentidos a partir das vivências no novo espaço. A criação da Casa da Memória, por exemplo, passou a desempenhar um papel importante nesse processo, funcionando como lugar de rememoração e reafirmação da história local. Ali, objetos do cotidiano, fotografias e até mesmo a reconstituição simbólica de um cômodo típico da antiga cidade, permitem manter viva uma parte da identidade coletiva que fora interrompida pela desterritorialização.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta escrita, foi possível compreender que narrar memórias não é apenas um exercício de recordação, mas um ato político, afetivo e existencial. O percurso metodológico adotado permitiu um olhar profundo, que revisitou cicatrizes e reconheceu as vozes que também teceram seus próprios lutos, resistências e reinvenções. Falar sobre Jaguaribara é falar de casa, de ausências que continuam presentes, e de uma cidade que, embora submersa pelas águas, permanece emergindo na fala, nas imagens, nos objetos e nos afetos.

Os rastros deixados em fotografias e documentos e os afetos que atravessam o cotidiano revelaram que o deslocamento físico não encerra a territorialidade. Ao contrário, o território resiste na memória, no modo de falar da antiga cidade, na forma como as pessoas nomeiam lugares que já não existem, mas continuam vivos em suas subjetividades.

Também foi possível refletir sobre as mudanças identitárias e nos vínculos com o território, observando que tais vínculos não foram completamente rompidos, mas sim ressignificados. A Nova Jaguaribara não substituiu a antiga, ela se impôs como novo espaço, exigindo reconstruções emocionais que, em muitos casos, ainda estão em curso. A memória do que se perdeu funciona, nesse contexto, como âncora simbólica e como forma de pertencimento que ultrapassa a geografia.

Ao analisar à luz dos conceitos da Psicologia Comunitária, especialmente os de afetividade, pertencimento e estima de lugar, foi possível perceber o quanto esses elementos estão entrelaçados ao modo como as pessoas se reconhecem na paisagem, nos laços sociais e na história coletiva. O pertencimento, nesses relatos, é conquistado lentamente, em meio à dor, à saudade, mas também à solidariedade que surge quando se compartilha a perda. A estima de lugar, por sua vez, aparece menos como um orgulho imediato do novo e mais como saudade do que foi, funcionando como ponte para ressignificar o presente.

Além disso, ficou evidente que as políticas desenvolvimentistas, embora sustentadas por um discurso de progresso, deixaram marcas profundas na vida daqueles que foram obrigados a deixar seus territórios. A promessa de modernidade veio acompanhada de silenciamentos, e a história da cidade submersa corre o risco de desaparecer sob a lógica das grandes obras. Por isso, é essencial retomar o olhar crítico sobre tais políticas, atentando para seus impactos humanos e sociais, especialmente quando não há escuta, reparação ou

preservação da memória coletiva. Esse cuidado é indispensável para que futuros projetos respeitem os vínculos territoriais e os traumas gerados pelas rupturas forçadas.

A presente narrativa é atravessada pela densidade de uma vivência que, ainda que não direta, compartilha da dor do deslocamento. Não se trata unicamente da observação de histórias alheias, mas de memórias que foram escutadas, sentidas e incorporadas ao longo do tempo. As vozes dos que foram desterritorializados ecoam durante a formação subjetiva de quem cresceu entre lamentos, saudades e silêncios. Essas experiências, mesmo não testemunhadas, instalaram-se como marcas herdadas. Foi a análise empática, crítica e afetiva durante todo o trajeto que orientou toda a construção da pesquisa. Falar sobre Jaguaribara é, também, elaborar uma identidade costurada por memórias compartilhadas. Assim, compreende-se que a reconstrução do pertencimento não é uma conclusão, mas um processo contínuo de elaboração, resistência e afirmação de vínculos.

Assim, espera-se que este trabalho contribua não apenas para o campo da Psicologia, mas também para a preservação da memória de um povo que, embora deslocado, jamais deixou de resistir e existir.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Carliziane Dutra. *Agronegócio e desterritorialização: desaparecimento do território camponês Km 69 na Chapada do Apodi/Limoeiro do Norte (CE)*. 2023. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2023) – Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2023.
- ALVES, Susana M. “Ambientes Restauradores”, p. 44-51. In: *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- AMORIM, Edilane Bezerra. *Desterritorialização e reterritorialização das famílias da comunidade Deus é Amor com a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte em Vitória do Xingu*. Universidade Federal do Pará. Altamirá - PA, 2021.
- BERTINI, Fátima Maria Araújo. *Mudanças urbanas e afetos: estudos de uma cidade planejada*. São Paulo: Repositório PUC/SP, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>. Acesso em: 29 out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html). Acesso em: 29 out. 2024.
- CAVALCANTE, Sylvia; ELIAS, Terezinha Façanha. “Apropriação”, p. 63-69. In: *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- CEARÁ, Lianne. *Memórias Interrompidas*. Fortaleza: Editora Caminhar, 2022.
- ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó De. “Apego ao lugar (Vínculo com o lugar - Place attachment)”, p. 53-62. In: *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- ENES, E. N. S.; BICALHO, M. G. P. *Desterritorialização/reterritorialização: processos vivenciados por professoras de uma escola de Educação Especial no contexto da educação inclusiva*. Educação em Revista, v. 30, n. 1, p. 189–214, jan. 2014.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza; UEC; Apostila, 2002.

FREITAS, Maria Livia Pinheiro de; BESSA, Renata Bezerra de Holanda; FERREIRA, Karla Patricia Martins; FARIAS, Luiza de Andrade Braga. *As ruínas da Velha Jaguaribara: Impactos e prejuízos do deslocamento compulsório*. Estudos de Psicologia (Natal), [S. l.], v. 27, n. 2, p. 249–260, 2023. DOI: 10.22491/1678-4669.20220023. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/epsic/article/view/23495>. Acesso em: 2 set. 2024.

GIL, Antonio C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, 7ª edição. São Paulo: Grupo GEN, 2019. E-book. ISBN 9788597020991. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/>. Acesso em: 12 out. 2024.

GIL, Antonio C. *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. São Paulo: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9786559770496. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770496/>. Acesso em: 12 out. 2024.

GÓIS, Cezar Wagner De Lima. *Psicologia Comunitária: atividade e consciência*. 1. ed. Fortaleza: UNIFOR, 2005.

GÓIS, Cezar Wagner De Lima. *Noções de psicologia comunitária*. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

IBGE. Jaguaribara: História e fotos, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/jaguaribara/historico>. Acesso em: 13 set. 2024.

JACQUES, Paola Berenstein. *Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo?* RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura, n. 8, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3229>. Acesso em: 31 maio 2025.

KÉSIA, A.; PEREIRA, I. F.; OLIVEIRA, R. M. A. de; SILVA, R. I. da. *A pesquisa-ação nas publicações da Revista Brasileira de Educação (2016-2018)*. Research, Society and Development, [S. l.], v. 8, n. 10, p. e08810720, 2019. DOI: 10.33448/rsd-v8i10.720. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/720>. Acesso em: 12 out. 2024.

MOUTINHO, Karina; CONTI, Luciane de. *Análise narrativa, construção de sentidos e identidade*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistatp/article/view/17998>. Acesso em: 12 maio 2025.

PACHECO, Fábio Pinheiro. *Afetividade e implicações psicossociais vividas por moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação em Fortaleza*. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2018.

PARANHOS, M. E.; WERLANG, B. S. G. *Psicologia nas Emergências: uma Nova Prática a Ser Discutida*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 35, n. 2, p. 557–571, abr. 2015.

PINTO, Michele Moraes; PENA, Grazielle Borges de Oliveira. *Narrativas (auto)biográficas: um estudo sobre os pressupostos teóricos para a produção de história de vida de uma professora de química quilombola*. In: O papel da química entre as ciências naturais 2. Capítulo 1. Cuiabá: Atena Editora, 2023. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/index.php/catalogo/download-post/81180>. Acesso em: 12 maio 2025.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*. *Revista brasileira de história & ciências sociais*, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Acesso em: 25 junho. 2025.

SANTOS, Jackson Sousa dos; LIMA, Thiago Caminha. *O elo entre a pessoa e o lugar: a afetividade, o sentimento de pertencimento e a memória dos moradores do município de Gonçalves Dias - MA*. *Geografia: Publicações Avulsas*, 2(1), 274-291, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/geografia/article/view/10551>. Acesso em: 21 set. 2024.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *“Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória*. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, p. 419–436, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/kyjmJTTrkQy9w9RD6DdTbfw/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2025.

SILVA, Ricardo Marinho; DALTRO, Mônica Ramos. *Experiências de sofrimento e enfrentamento no ingressar ao ensino superior: narrativa autobiográfica*. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, Brasil, v. 7, n. 3, p. 433–441, 2018. DOI: 10.17267/2317-3394rpd.v7i3.1930. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1930>. Acesso em: 13 maio. 2025.

SOUSA, J. R. de; SANTOS, S. C. M. dos. *Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer*. Pesquisa e Debate em Educação, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 1396–1416, 2020. DOI: 10.34019/2237-9444.2020.v10.31559. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso em: 26 out. 2024.

VALLE, M. R. do; LIMA, D. B. *O PAPEL DA MEMÓRIA COLETIVA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: 1964 e os Impactos da Ascensão do Negacionismo Histórico na Educação Brasileira*. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, Bauru, v. 12, n. 01, p. 131–144, 2024. DOI: 10.5016/ridh.v12i01.295. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/ridh3/index.php/ridh/article/view/295>. Acesso em: 25 maio. 2025.